

HAVERÁ UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO PÓS-PANDEMIA (?): O FIM DA DICOTOMIA ENSINO PRESENCIAL-ENSINO A DISTÂNCIA E A EMERGÊNCIA DO ENSINO HÍBRIDO COMO SÍNTESE DESSES MODELOS

**WILL THERE BE A PARADIGM CHANGE IN BRAZILIAN EDUCATION IN THE POST-
PANDEMIC (?): THE END OF THE ON-SITE-DISTANCE TEACHING DICHOTOMY AND THE
EMERGENCY OF HYBRID TEACHING AS A SYNTHESIS OF THESE MODELS**

DAYANE STEPHANIE MAIA COSTA

Doutoranda em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Geografia (2016) pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde também se graduou em Geografia (2011). Professora do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais.

ANA PAULA MAIA COSTA

Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Professora da Rede Pública de Ensino na cidade de Montes Claros-MG.

ALESSANDRA SENA DIAS

Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Superior de Educação Ibituruna (ISEIB) Graduada em História pelas Faculdades Unidas do Norte de Minas (FUNORTE). Professora do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais e também da Rede Privada de Ensino na cidade de Montes Claros-MG.

FERNANDA MORAES COSTA

Professora da Rede Pública de Educação na cidade de Montes Claros-MG. Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

RESUMO

A pandemia de COVID-19 promoveu um isolamento social e, com ele, vários aspectos da vida em sociedade se modificaram, dentre eles a Educação. Esta passou a experimentar, de maneira mais aprofundada do que antes, um novo paradigma: o do Ensino Remoto, com atividades síncronas e assíncronas mediante o uso da tecnologia. Especula-se que, com o retorno da “normalidade”, o Ensino Presencial retorne, mas não mais integralmente, e sim com o apoio da modalidade remota, surgindo dessa mistura um novo tipo: o Ensino Híbrido. A presente pesquisa procura estudar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, a educação e as suas metamorfoses em meio ao cenário de pandemia da COVID-19 no ano de 2020, que levou a sociedade a repensar a Escola e as instituições educacionais.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Ensino Presencial; Ensino Híbrido; Pandemia; Isolamento Social.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic promoted social isolation and, with it, various aspects of life in society have changed, among them Education. The latter began to experience, in a more in-depth way than before, a new paradigm: that of Remote Education, with synchronous and asynchronous activities through the use of technology. It is speculated that, with the return of “normality”, the On-Site Teaching returns, but not more fully, but with the support of the remote modality, a new type emerging from this mixture: Hybrid Teaching. This research seeks to study, from a bibliographic search, education and its metamorphoses in the midst of the pandemic scenario of COVID-19 in 2020, which led society to rethink the School and educational institutions.

Keywords: Remote Education; Face-to-face teaching; Hybrid Teaching; Pandemic; Social isolation.

SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO; 1 A PANDEMIA DE 2020 E O (PROVÁVEL) FIM DA DICOTOMIA
ENSINO PRESENCIAL-ENSINO A DISTÂNCIA; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.**

INTRODUÇÃO

Em 2020, o Brasil e o mundo viveram “grandes dificuldades em virtude da crise sanitária causada pela COVID-19. Muitas são as formas de contaminação pelo vírus, que possui alta taxa de transmissão e um percentual assustador de letalidade” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 1), principalmente para o considerado “grupo de risco”¹.

As medidas principais para se evitar a disseminação do vírus são o uso de máscara, a higienização constante das mãos e dos materiais individuais, o distanciamento social e a quarentena. O distanciamento social e a quarentena têm impactado diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente na educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 2).

Se a pandemia interferiu nas atividades e na maneira de se olhar para a realidade e para o mundo, com a educação não foi diferente. Com efeito, “a pandemia de COVID-19 impôs uma nova ordem, um outro ritmo para a humanidade. O [...] cotidiano [das pessoas] mudou e a escola tem tentado se resignificar” (SOUZA, 2020, p. 110). Houve, pois, uma mudança de paradigma no que se refere à forma como a educação acontece: a partir deste enigmático ano de

¹ “São considerados grupo de risco para agravamento da COVID-19 os portadores de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, e indivíduos fumantes (que fazem uso de tabaco incluindo narguilé), acima de 60 anos, gestantes, puérperas e crianças menores de 5 anos. Existem estudos recém-publicados com dados sobre os grupos de risco ligados a maior mortalidade por Sars-Cov-2, citando as enfermidades hematológicas, incluindo anemia falciforme e talassemia, doença renal crônica em estágio avançado (graus 3,4 e 5), imunodepressão provocada pelo tratamento de condições autoimunes, como o lúpus ou câncer, exceto câncer não melanótico de pele, obesidade ou doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica. Também são considerados grupos de interesse para saúde pública, merecendo atenção especial devido à vulnerabilidade, a população indígena, carcerária e residentes em instituições de longa permanência para idosos” (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, 2020, s/p).

2020, muito provavelmente o ensino não se dará mais de uma maneira plenamente presencial, e sim em uma modalidade híbrida², com atividades presenciais e outras a distância.

Instituições de ensinos de todos os níveis (creches, escolas, universidades), em 2020, tiveram as suas atividades presenciais suspensas, isso para se evitar a propagação da contaminação do novo Coronavírus, ainda mais se levando em conta que a escola é um ambiente de natural contato (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

Manteve-se, porém, nesse contexto, uma consciência coletiva de que o ensino deveria continuar, mesmo que a passos lentos, vez que as instituições não esperavam a pandemia nem o isolamento social. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, portanto, em um prazo exíguo, “professores e alunos tiveram que se acostumar e se reinventar na forma de aprender e de ensinar: com aulas *online* e videoaulas, entre outras ferramentas, os educadores se viram diante de novos desafios, aos quais estavam pouco ou nada preparados” (SOUZA, 2020, s/p). Tiveram que improvisar e, mediante tentativa e erro, acertaram a medida em algum momento, cada qual da sua forma, mas logicamente que não alcançando o “tipo ideal”. Logo, “o tempo de pandemia pelo Coronavírus (COVID-19) trouxe uma ressignificação para a educação, nunca antes imaginada” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 2).

A dor causada pela perda de pessoas, o afastamento, o isolamento social, causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. A crise sanitária está trazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 2).

O que passou a importar durante a pandemia não foi “nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas” (GALLO, 2008, p. 49). Afinal, “o caos tem potencial para tornar a criação possível. Pensar é vivenciar o caos e criar zonas de possibilidades e potencialidades” (SOUZA, 2020, p. 117).

² “Também conhecido pelo termo em inglês *blended learning*, o ensino híbrido se acentuou com o advento da internet e nada mais é do que combinar diversas plataformas, como filmes, rádio e televisão, por exemplo” (SOUZA, 2020, s/p), com a ensino convencional.

Diante deste quadro desenhado em 2020, este artigo tratará sobre a educação e as suas metamorfoses em meio ao cenário de pandemia da COVID-19 no ano de 2020, que levou a sociedade a repensar a Escola e as instituições educacionais. Refletir-se-á aqui, a partir de uma pesquisa bibliográfica, sobre as mudanças ocorridas no ensino diante desse cenário desenhado pela crise advinda do Coronavírus, bem como acerca do possível (e provável) fim da dicotomia ensino presencial-ensino a distância, que deve acontecer em função do contexto, emergindo, a partir daí, uma espécie de ensino híbrido, que une características das duas modalidades anteriores, ganhando uma nova forma (mais eclética).

1 A PANDEMIA DE 2020 E O (PROVÁVEL) FIM DA DICOTOMIA ENSINO PRESENCIAL-ENSINO A DISTÂNCIA

Com o advento da sociedade da informação, a tecnologia vem ganhando cada vez mais espaço e destaque na sociedade, incorporando-se em seu cotidiano. De acordo com Santos e Menegassi (2018, p. 210),

a tecnologia instituiu novos conceitos, comportamentos, atitudes e relações sociais e gerou uma nova ordem social, na qual não se consegue mais conceber a vida cotidiana desprovida do fator tecnológico. A educação também foi uma das áreas que obteve mudanças motivadas pela tecnologia. No presente, a distância entre as instituições de ensino e as pessoas não é mais um obstáculo. Com a tecnologia e os meios de comunicação a Educação a Distância (EaD) se tornou uma alternativa para quem está à procura de conhecimento e cursos formais.

Se por muito tempo definiu-se que duas são as modalidades de ensino no que se refere à presença simultânea (ou não) de professores e alunos em um mesmo tempo e espaço/lugar (Educação Presencial e Educação a Distância), hodiernamente essa classificação pode ser problematizada. Segundo essa categorização tradicional,

a modalidade presencial é a comumente utilizada nos cursos regulares, onde professores e alunos encontram-se sempre em um mesmo local físico, chamado sala de aula, e esses encontros se dão ao mesmo tempo: é o denominado ensino convencional. Na modalidade a distância, professores e alunos estão separados fisicamente no espaço e/ou no tempo. Esta modalidade de educação é efetivada através do intenso uso de tecnologias de informação e

comunicação, podendo ou não apresentar momentos presenciais (ALVES, 2011, p. 84).

É relevante destacar, porém, que, de acordo com Martins (2020, p. 242), “um dos efeitos da pandemia COVID-19 [em 2020] jogou por terra todas as barreiras legais que separam o sistema educacional em presencial ou a distância”. Ou seja, a dicotomia ensino presencial-ensino a distância deve se enfraquecer em função de uma provável mudança de paradigma em 2020, que representou uma ruptura na educação brasileira e mundial. Com efeito,

o novo normal será a educação semipresencial mediada por recursos educacionais digitais e a categorização equivocada da educação a distância como modalidade se tornará anacrônica, visto que a aplicação dos métodos e das tecnologias educacionais hoje disponíveis ressignificará os conceitos de distância e de ensino (MARTINS, 2020, p. 242).

Antes de 2005 (quando a EaD foi oficializada no Brasil), a educação a distância era razoavelmente praticada nos cursos superiores e em cursos técnicos, porém sem alcançar a educação básica. A redação do parágrafo 4º do artigo 32, da Lei nº 9394/96 (a LDB), é a seguinte: “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (BRASIL, 1996). Ademais, a pandemia de 2020 trouxe ao mundo e, por conseguinte, ao Brasil uma dessas “situações emergenciais”:

A pandemia afastou os alunos presenciais, da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 3-4).

Logo, com a emergência da pandemia, “escolas precisaram se organizar para migrar para o ensino com o uso das tecnologias digitais. Esta migração gerou uma transposição de práticas e metodologias do ensino presencial para as plataformas virtuais de aprendizagem, o chamado ensino remoto” (SOUZA, 2020, p. 113). No ensino remoto,

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 9).

Desde o início do isolamento social, a educação tem sido repensada, bem como todos os seus procedimentos. E isso em uma velocidade recorde, pois a pandemia acelerou o processo de transição de modelos e de valorização das ferramentas que possibilitam um ensino a distância. É dizer, “agora, as velhas identidades passarão a ser ainda mais velhas, distantes da realidade de 2020, que era totalmente impensada [antes]” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 5).

A pandemia e “o isolamento social causado pela COVID-19 levou bilhões de humanos à condição de reflexão e ao pensamento da necessidade mais efetiva de se considerar um ser social e histórico, pensante e capaz de encontrar uma saída para a educação da pandemia” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 6). Como bem coloca Martins (2020), a pandemia infectou milhões e fez a humanidade lembrar das suas vulnerabilidades e do que é essencial. Para este autor, ela “infectou, também, e de forma mortal, dogmas, certezas e comportamentos naturalizados sem razão de ser” (MARTINS, 2020, p. 250-251).

Consoante Souza (2020, p. 110), deste momento em diante,

as tecnologias da informação e comunicação, as plataformas virtuais de aprendizagem, as redes sociais devem ser vistos como propulsores da criação de novas relações com a informação, com o tempo, com o espaço, consigo mesmo e com os outros. Em tempos de pandemia, mais do que nunca, a educação é convocada a se singularizar, a se reinventar buscando outras possibilidades pelo uso das tecnologias digitais e pela habitação nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Isto é, em um curto espaço de tempo, professores, gestores, alunos, pais (dentre outros agentes que, direta ou indiretamente, atuam nesse sistema educativo) se desdobraram e aprenderam a se organizar e manipular diversos aplicativos e programas para fazerem a educação funcionar, mesmo com a distância. Entre esses muitos programas e aplicativos estão: a) o Sistema Moodle; b) o Google Classroom; c) o Youtube; d) o Facebook; e) o StreamYard; f) o OBS Studio; g) o Google Drive; h) o Google Meet; i) o Jitsi Meet; j) o Zoom; e k) o Microsoft Teams (entre outros). Muitos professores que nem perfis em redes sociais tinham, passaram a criar e utilizar de seus recursos para ministrarem atividades em uma modalidade remota, com posts, lives, vídeos, *etc.*

O contato com as novas tecnologias – para a Educação Básica presencial emergencial – causou um lugar de entrecruzamento, de intersecção, denominado por Bhabha (2010) como o ‘lugar fronteiro’. A fronteira é composta de valores e costumes de um lugar como os do outro, ou seja, é no lugar fronteiro que ocorrem os encontros com o estranho, o desconhecido, proporcionando a experiência do ‘além-limite’ (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 6).

Ou seja,

tudo o que é novo causa um sentimento de ‘estranho’. Assustar-se com o ‘nunca visto’ reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como ‘estranhamento’ (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 6).

Para Nestor Garcia Canclini (2003, p. XIX), a *hibridação*³ pode ser definida como “processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Pode-se dizer que, nesta crise sanitária, os indivíduos e a sociedade estão modificando os conceitos – ou pelo menos as

³ “Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir os princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meios a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha ou está perdendo ao hibridar-se” (CANCLINI, 2003, pp. XXXIX).

sensações – do que é a educação: aprendizagens novas, para tempos inesperados (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

Na fase pós-pandemia, é fundamental unir esforços para ultrapassar o ensino baseado na transmissão, no falar-ditar do mestre [...] e experimentar outras metodologias e práticas que levem em conta o potencial das tecnologias digitais em rede e favoreçam a colaboração, a autonomia, a criatividade e a autoria de professores e estudantes (SOUZA, 2020, p. 117).

Ao que tudo indica, vai passar a existir (mesmo depois de 2020) um “novo normal”, também na educação. É difícil especular que as ferramentas citadas, bem como as estratégias que funcionaram durante o ensino remoto, sejam deixadas de lado ou abandonadas por inteiro. Esses aplicativos e programas, que possibilitam a educação a distância, poderão (e deverão) ser usados de alguma forma e em algum contexto, mesclando-se com as atividades presenciais, em um processo de “hibridação” que teria se iniciado em 2020 e que continuou em 2021.

Para Martins (2020), no pós-covid, a humanidade viverá em um mundo totalmente diferente daquele onde foi modelado o sistema educacional “normal”.

Construído ao longo de séculos, tal sistema teve como premissa básica a presença do professor e do estudante, juntos, no lugar onde um vai ensinar e o outro aprender. A partir da pandemia, a sociedade se adaptará, rapidamente, aos avanços oferecidos pelas tecnologias de informação e comunicação, principalmente no que se refere à forma de “fazer” o ensino-aprendizagem (MARTINS, 2020, p. 253).

Isto é, considerada tendência na área da educação para o futuro, “a mistura entre o ensino presencial e o *online*, que prevê um *mix* entre a sala de aula convencional e conteúdos produzidos com apoio de ferramentas de tecnologia, vai invadir mais fortemente a vida do estudante no mundo pós-pandemia” (SOUZA, 2020, *s/p*). Com efeito,

a hibridação ocorrida nas relações entre culturas diferentes, ou mesmo as diferenças dentro da mesma cultura, corroboram para a visualização da hibridação da educação. A educação pós-pandemia irá passar pelo ‘estranhamento’ entre o presencial e o EAD. Há de se considerar que a volta será gradual, com o retorno gradativo dos alunos para a sala de aula, havendo a necessidade da continuação do emprego de tecnologias (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 7).

CONCLUSÃO

No ano de 2020, o mundo teve de lidar com mais uma pandemia. O COVID-19, pela sua facilidade de contaminação e pela sua letalidade, principalmente em idosos, fez com que os Estados decretassem o isolamento social para evitar a disseminação da doença. Toda a sociedade teve de lidar com essa mudança. Dentre os muitos setores e esferas sociais que poderiam ser citados, destacou-se no presente trabalho a Educação, através da atuação de suas instituições (públicas e privadas).

O distanciamento social e a quarentena, portanto, como consequências da pandemia, “tiveram impactado diretamente na educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 8), promovendo um ensino remoto, que foi a solução encontrada para dar prosseguimento aos trabalhos nas escolas, creches e universidades.

É importante apontar que, após a pandemia, possivelmente haverá “um maior hibridismo da educação presencial com o EAD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. Essa probabilidade nunca mais será descartada” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 8).

Logo, no paradigma educacional pós-pandemia, não fará mais sentido se perder tempo “categorizando o que é educação a distância ou educação presencial. A educação mediada por recursos educacionais digitais será o novo normal” (MARTINS, 2020, p. 254).

O fim da educação a distância chegará, não por ela ter sucumbido, ter frustrado demandas ou por não ter contribuído para a elevação do número de pessoas que concluíram a educação formal média/superior. O fim da EaD será a comprovação de que sua segregação como modalidade, ‘diferente’ da educação normal, não faz mais sentido dada a extensão de sua aplicabilidade e, porque, de fato, já não há Educação a Distância ou Educação Presencial. Precisa-se da Educação ‘inteira’, processo estratégico e integral, que [...] apoie a construção de um futuro melhor para a humanidade (MARTINS, 2020, p. 255).

Como apontado no texto, não se vislumbra aqui o abandono das ferramentas e estratégias que funcionaram, mediante tentativa e erro, durante o isolamento social e ensino remoto. Muito provavelmente o ensino híbrido será a síntese advinda desse momento de mal estar social, mas que teve também o seu lado positivo, como a possibilidade de usar a tecnologia para finalidades pedagógicas com eficiência. Afinal,

em meio a um turbilhão de problemas, a educação deverá ser uma potencializadora da esperança humana, capaz de continuar auxiliando para a modificação de condutas, sempre para o bem da sociedade [...]. Uma crise sanitária é superada, também, por uma maior educação. Os instrumentos tecnológicos estão aí para [...] auxiliar e diminuir as distâncias (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 8).

Em suma, após as experiências durante o isolamento social e o ensino remoto, a tendência é que a Educação se modifique, estabelecendo uma modalidade híbrida, unindo elementos da chamada educação presencial e também da educação a distância.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucineia. Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *In: Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, v. 10, PP. 83-92, 2011.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. 5ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE. **Quais são os grupos de risco para agravamento da COVID-19?** Texto publicado em 26 de agosto de 2020. Disponível em: < <https://aps.bvs.br/aps/quais-sao-os-grupos-de-risco-para-agravamento-da-covid-19/> >. Acessado em: 14 de janeiro de 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

COSTA, Dayane Stephanie Maia; MENDES, Renat Nureyev; COSTA, Ana Paula Maia; DIAS, Alessandra Sena. A Educação a Distância no Brasil e no Mundo: conceitos, história e outros apontamentos. *In: Revista Parajás*, v. 3, n. 1, 2020.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Ronei Ximenes. A COVID-19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio. *In: Em Rede – Revista de Educação a Distância*, v. 7, n. 1, jan./jun., p. 242-256, 2020.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. *In: Revista UFG*, 2020, v. 20.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho Almeida. **A educação híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. Texto publicado em: 29 de junho de 2020. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj43dLx7cbtAhXbIbkGHSA-Dc8QFjABegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Fwww.ufsm.br%2Fapp%2Fuploads%2Fsites%2F820%2F2020%2F06%2FTextos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf&usq=AOvVaw1RCh52VC-9XT0p_U4qEaxD >. Acessado em: 11 de dezembro de 2020.

SANTOS, Larissa Costa dos; MENEGASSI, Cláudia Herrero Martins. A História e a expansão da Educação a Distância: um estudo de caso da Unicesumar. *In: Revista Gestão Universitária na América Latina (GUAL)*, UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 208-228, janeiro, 2018.

SOUZA, Elmara Pereira. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *In: Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, UESB, Vitória da Conquista-BA, ano XVII, vol. 17, nº 30, jul./dez., 2020, p. 110-118.

SOUZA, Ludmilla. **Ensino híbrido é tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia**: o chamado *blended learning* crescerá após pandemia, diz especialista. Texto publicado em 14 de julho de 2020. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/ensino-hibrido-e-tendencia-para-vida-escolar-no-mundo-pos-pandemia> >. Acessado em: 14 de janeiro de 2021.

Recebido em: 11/11/2020 / Aprovado em: 21/01/2021